

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Lurdes Nazaré Lopes

registada em 2008-09-19
por

Hugo Pereira e Jenny Campos

Lurdes Nazaré Lopes

Lurdes Nazaré Lopes, nasceu a 21 de Abril de 1964, no Piódão, em casa dos pais. Os pais chamavam-se António Lopes e Maria de Nazaré. O pai era cantoneiro, trabalhava na zona. A mãe era doméstica, “trabalhava nas terras, cultivava os legumes, as batatas, o feijão, o milho e criava os filhos”. Lurdes foi para a escola com 6 anos. Fez o sexto ano na aldeia, “era a escolaridade máxima que aqui havia e também a obrigatória”. Em 1989, foi para Lisboa trabalhar, no Hospital de Santa Marta, e continuou a estudar. Licenciou-se em Sociologia e Planeamento. Actualmente, vem à aldeia sempre que pode.

Índice

Identificação Lurdes Nazaré Lopes.....	4
Ascendência António Lopes e Maria de Nazaré.....	4
Infância "Não há ambiente como naquele tempo".....	4
Casa "É praticamente igual".....	7
Religião "A missa é o ponto de encontro".....	8
Educação "Sempre gostei muito de aprender".....	9
Migração "Nunca tive dificuldade em me adaptar".....	13
Percurso profissional "Entrei em todos".....	13
Lugar "Sempre que posso, é para aqui que venho".....	14
Costumes "O típico está-se a perder".....	19
Quotidiano "Faço tudo!".....	25
Avaliação "A ideia é boa".....	25

Identificação *Lurdes Nazaré Lopes*

O meu nome é Lurdes Nazaré Lopes. Nasci a 21 de Abril de 1964, às 11h30 no Piódão em casa dos meus pais. Quando nasci as pessoas não iam para a maternidade como vão hoje, nascia-se em casa.

Ascendência *António Lopes e Maria de Nazaré*

Os meus pais chamavam-se António Lopes e Maria de Nazaré, ambos do Piódão. A minha mãe foi nascida e criada aqui. Nasceu na mesma casa em que eu nasci. O meu pai nasceu num outro lugar que faz parte da freguesia do Piódão: a Malhada Chã. Fica por detrás da serra, sobe-se a serra e é do outro lado, por baixo do posto de vigia.

O meu pai era funcionário público - cantoneiro. Trabalhava aqui na zona. Penso que a tutela era o Ministério da Administração Interna. A minha mãe era doméstica, trabalhava nas terras, cultivava os legumes, as batatas, o feijão, o milho e criava os filhos. Naquela época era assim, as mulheres não trabalhavam fora, também não havia onde trabalhar, mesmo para os homens, havia muito pouco.

O meu pai também ajudava nas lides domésticas, essencialmente no cultivo das terras e a tratar dos animais. Quando vinha do trabalho ao fim da tarde, aos sábados e feriados, ajudava em tudo o que podia.

Mais disciplinadora era a minha mãe. Passava o dia todo connosco, a não ser o tempo que estávamos na escola. O meu pai saía para o trabalho de manhã, nós ainda estávamos a dormir, depois só o víamos à noite e nos feriados e fins-de-semana, no entanto, gostávamos todos muito dele. Já faleceram ambos. O meu pai no dia 28 de Janeiro de 1991 às 21h30 nos Hospitais da Universidade em Coimbra e a minha mãe no dia 6 de Junho de 2008 às 19h45 no hospital de S. Marta em Lisboa. Eu estava ao pé dela no hospital quando ela fechou os olhos.

Infância "*Não há ambiente como naquele tempo*"

Quando era mais nova ajudava os meus pais no campo, tanto, que eu e os meus irmãos quando vínhamos da escola, íamos sempre ter às terras onde a minha mãe andava. Ela levava-nos o lanchinho e nós íamos lá ter com ela. Que fazíamos nós? Normalmente, era deitar o rebanho (cabras e ovelhas) para pastar.

Quando éramos mais crescidinhos, começámos a fazer outras coisas, pois desde pequenos colaboramos, quer nas tarefas do campo, quer nas tarefas de casa.

Nós somos quatro irmãos: dois rapazes e duas raparigas. O ambiente em casa era muito bom, nas famílias actuais penso que se degradou um pouco. Vínhamos do campo ou da escola, chegávamos a casa e todos ajudávamos a fazer o jantar. Naquele tempo, não se usavam muito os fogões como hoje, cozinhava-se nas panelas de ferro à lareira. Então as tarefas eram distribuídas do seguinte modo: uns descascavam batatas, outros preparavam as hortaliças, por exemplo, e havia também aquele a quem cabia tratar do porco que estava aqui perto da aldeia, ou seja, cada um fazia uma tarefa. Depois, conversávamos todos, não havia televisão. As raparigas, às vezes, faziam renda ou malha, jogávamos às cartas uns com os outros.

Lembro-me que nós sempre tivemos azeite, queijo, leite, batatas, legumes e alguns animais, tais como: cabras, ovelhas, coelhos, galinhas e porcos. Havia determinados produtos que vendíamos e também alguns animais – o excesso. Tínhamos uma quinta a 25 minutos daqui, ou seja da aldeia, no Soito Escuro, que era produtiva.

"Cortava mato para as cabras dele"

Na nossa quinta do Soito Escuro, o meu pai cortava mato para as cabras e havia um senhor que morava aqui mais para o cimo da aldeia, que deixava que o meu pai fosse primeiro cortar o mato para as cabras e ovelhas e ele ia depois, ficava em baixo no fundo a cortar mato para as cabras dele. O meu pai e a minha mãe viam o mato cortado, mas não sabiam quem era. Mais tarde descobriram que era ele. Eu era pequena, não me lembro assim de muito mais.

Na minha infância havia aqui muitas crianças. Na escola primária, chegávamos a ser três miúdos por carteira, e, cada lugar da freguesia (Chã-de-Égua, Malhada-Chã, Fórnea e Tojo) tinha a sua escola, aqui era só os do Piódão. Lembro-me de haver 50 e tal alunos na escola divididos pelas quatro classes: primeira, segunda, terceira e quarta. A escola está fechada, inclusive ardeu neste último incêndio há quatro anos (2005), em que apenas não ardeu o povoado, sendo que desde sensivelmente 10 anos para cá que não tem alunos, os poucos alunos que há na freguesia vão para a Ponte das Três Entradas. Na escola brincávamos muito, hoje nem sequer existem crianças para brincar, no Piódão são apenas três e dos outros lugares da freguesia não tenho números exactos, penso que não devem ser mais de seis.

Conhecíamos-nos todos, vínhamos todos do mesmo meio, uns viviam mais abastados, outros menos. Era mesmo assim, era muito bom, muito divertido, fazíamos muito jogos e agora isso não é possível, não há crianças. Jogávamos às escondidas, à bola, à nexa, e outros que já me lembro pouco.

A nexa

Fazíamos uns quadradinhos no chão, púnhamos uma pedrinha, e, ao pécoxinho, íamos jogando a pedra de um quadradinho para o outro. Se ficasse na divisão entre os dois quadradinhos, perdíamos. Se ficasse dentro, ganhávamos. Se perdíamos, jogava o colega a seguir, íamos jogando até perder. Já não me lembro muito bem, mas, penso que era assim. Não me lembro de muitas coisas, já foi há tantos anos...

"O tecido de Verão era o de Inverno"

O vestuário do dia-a-dia era o normal da época, as raparigas e as senhoras não usavam calças, usavam saias ou vestidos, se bem que as senhoras não usassem tanto o vestido, era mais saia e blusa ou camisola no Inverno. Lembro-me que a minha mãe vestia-me e à minha irmã com vestidos. Havia uma senhora que morava numa aldeia relativamente perto que era uma excelente costureira, então a minha mãe comprava os tecidos e mandava fazer vestidos por medida para nós. Normalmente ia-se à feira (Vide, Arganil Avô ou Lourosa) e comprava-se o tecido, ou então a costureira também vendia, escolhia-se o tecido e a senhora fazia o vestido, depois fazia a conta ao tecido e ao trabalho.

Por norma ia-se mais à Vide fazer as compras, porque era mais perto (ia-se a pé), fica a 16 quilómetros. Ia-se Arganil quando havia necessidade de tratar algum assunto (Arganil é o Concelho). A Lourosa ou Avô também se ia a pé, Lourosa fica a 30 quilómetros e Avô não sei, no entanto a distância é menor que Lourosa.

Estas senhoras que trabalhavam muito bem de costura (como aqui se dizia) faziam as roupas para toda a família: camisas para os rapazes e homens, vestidos para as raparigas e saias para as senhoras. Para as fazer as calças dos homens haviam uns senhores, que eram os alfaiates, hoje por aqui, não existe ninguém a fazer estas confecções. De resto, eram os sapatitos com as meitas e um casaquito. Os meus irmãos também não usavam calções, penso que não se usavam naqueles tempos, pelo menos, por aqui. Lembro-me das calcitas e das camisas que eles usavam, que também eram feitas pela costureira (a Felisbela).

Não havia tecidos especiais, normalmente, o tecido de Verão era quase o de Inverno, a diferença entre um e outro era pequena. Por acaso, lembro-me que eu e a minha irmã tínhamos vestidos de um tecido mais fino para Verão, e até de manga curta, e outro mais grosso para os vestidos de Inverno. Mas não havia grande diferença na escolha de tecidos em relação ao Verão e Inverno, principalmente entre as pessoas que viviam com dificuldades. O caso da minha família, não éramos ricos, mas nunca nos faltou nada do essencial, também não tínhamos determinadas coisas que hoje temos, nem sequer havia e levámos muitas vezes um não quando pedíamos coisas aos nossos pais.

Brinquedos, era coisa que não havia, as bonecas eram feitas de trapos. Lembro-me de a minha mãe, que Deus tem, fazer as bonequinhas de trapos. Os moços também não tinham carrinhos, brincavam muito ao pião e com uma fisga a mandar pedrinhas.

No Inverno nevava muito, hoje já não neva tanto, sendo que para além de nevar muito, também ficava muitos dias a derreter. Muitas vezes de manhã, nós acordarmos com tudo branco, para sairmos de casa, o meu falecido pai ia com uma enxada fazer um caminho. Todas as pessoas abriam caminhos na neve para saírem de casa. Normalmente essa tarefa cabia aos homens. Os pais juntavam-se para limpar o caminho para podermos ir à escola. Quando saía-mos da escola vínhamos por ali abaixo a fazer bolas e bonecos de neve, ou seja, brincar com a neve e só depois íamos para casa. Na escola, havia uma lareira que era acesa para nos aquecermos e para a própria escola ficar mais quente.

Casa "*É praticamente igual*"

A minha casa por dentro não era muito diferente do que é agora. Já fizemos algumas obras de restauro, mas mantivemos praticamente a traça original. A única diferença foi: casas de banho, e, no andar de baixo, que era amplo, dividimo-lo e fizemos dois quartos. Por fora mantêm-se igual, a não ser o telhado, que foi de lajes (um tipo de xisto mais fino) e agora telha.

Normalmente os telhados são de lajes ou telha. As lajes são um tipo de xisto mais fino que o das paredes, sendo que alguns anos atrás, não havia modo de tirar o xisto tão fino como há hoje, que se deve às tecnologias. Então, algumas lajes eram grossas e muito pesadas, o que não era bom para a estrutura da casa, além disso, no Inverno quando fazia grandes vendavais, com muita chuva e vento, a tendência era meter água por baixo das lajes e chovia dentro de casa.

Não tinha luz eléctrica, como é evidente, porque também a luz ainda não tinha chegado, só mais tarde. Para nos aquecermos, tínhamos as lareiras, para durante a noite vermos dentro de casa, usávamos um candeeiro a petróleo com

uma chaminé em vidro, se era preciso irmos à rua usávamos uma lanterna, sendo que tal como o candeeiro era a petróleo. Havia outros candeeiros sem chaminé, e, o Petromax que era usado nas festas ou quando para determinados trabalhos era necessário mais luz, por exemplo, nas debulhas do milho.

Também não havia água canalizada em casa, íamos buscá-la às fontes comunitárias. Ainda existem várias: uma no largo de um dos restaurantes, outra aqui em cima junto à capela de S. Pedro, outra no Outeiro. Ia-se buscar a água à fonte que ficasse mais perto de casa, primeiro em cântaros ou bilhas de barro, ou jarros de esmalte, depois porque estes saíram do mercado e eram pesados mesmo vazios, em cântaros ou jarros de plástico.

A porta não era azul, mas havia cá essa tradição. É normal o azul e o branco nas janelas, se bem que ultimamente, as janelas já não estão a ser brancas, estão-lhes a ser pintadas de castanho com um produto especial para madeira que se chama Bondex. As portas normalmente ainda mantêm o azul.

"Branco nas janelas e azul nas portas"

Diz a lenda que na aldeia havia três mercearias, e as tintas que normalmente tinham e era o azul e o branco, e, daí as cores que se aplicavam nas portas e janelas. Caso quisessem outra cor teriam que comprá-la fora, sendo que tinham que ir buscá-la às costas ou à cabeça porque não havia carros nem estrada para a aldeia. A estrada só chegou ao Piódão, já eu andava no final da escola primária. Então os merceiros compravam esta cor que toda a gente gostava e que se usava sempre, como eles diziam. Pintava-se de azul e branco, branco nas janelas e azul nas portas.

Religião "A missa é o ponto de encontro"

Frequentei a catequese e fui catequista. Levei miúdos, que hoje já não estão no Piódão, a fazer a Primeira Comunhão e a Profissão de Fé. Quando acabei a minha catequese, propuseram-me logo para catequista e fui. Quando eu era criança, a catequista era uma senhora que já faleceu, chamada Dália Pacheco, foi sempre ela a minha catequista.



**Lurdes Lopes na Primeira Comunhão
de uma catequizanda sua (Piódão, 1981)**

Íamos à missa todos os domingos, toda a gente fazia questão de se arranjar bem, pois durante a semana, a trabalhar no campo, usavam roupas inferiores. No campo estraga-se e suja-se logo tudo, a missa, no fundo, é o ponto de encontro e aí as pessoas gostam de ir arranjadas.

Lembro-me de alguns párcos que passaram pela aldeia: o Padre Manuel, esteve cá com os pais, depois foi embora. Baptizou o meu irmão mais novo, o Carlos. Foi uma pessoa importante aqui para o Piódão. Os pais dele ajudavam muito as pessoas mais necessitadas, e, ele também, pois a casa era a mesma. Havia famílias que tinham mais dificuldades. As terras produziam pouco e os empregos, onde se ganhasse alguma coisa, também eram muito escassos. Em algumas aldeias do Piódão havia pessoas - como ainda hoje há - que tinham mesmo necessidades de alimentação. Diziam que a mãe dele, que se chamava Prazeres, matava a fome a essas pessoas. Cultivavam terras aqui perto e davam algum dinheiro a ganhar às pessoas. Chamavam para ajudar no cultivo do campo.

A vinda do telefone para o Piódão também está ligada ao Padre Manuel, foi ele que o trouxe para esta aldeia. Tanto, que, no início, só ele tinha telefone. As pessoas, quando tinham algum problema, iam a casa dele fazer e receber chamadas.

Educação "*Sempre gostei muito de aprender*"

Fui para a escola com 6 anos, tinha-os feito em Abril e fui em Outubro, ia e vinha com os meus irmãos mais velhos. Estávamos sempre juntos, pois eles eram os responsáveis por mim na escola. Os meus pais incutiam-lhe essa responsabilidade. Depois, como eles estavam em classes mais adiantadas, explicavam-me coisas em que eu tinha dificuldade.

"Hoje aprenderam isto"

Eu estava na primeira classe, quando dei um jeito ao pé esquerdo e não podia anda, por esse motivo não podia ir à escola, estive de cama com o pé ligado muito tempo. Na escola, aprenderam a tabuada, a minha mãe comprou-me uma tabuada, mas eu rasguei-a toda na cama. Mas aprendi, que ainda hoje a sei.

Os meus irmãos iam-me dizendo o que é que os meus colegas de classe iam aprendendo. Traziam-me sempre uma folhinha no cadernito, deles, e diziam:

- "Olha, hoje aprenderam isto. Os trabalhos de casa são estes."

Eu fazia e eles levavam para a professora ver.

"Sem a professora dar conta!"

Lembro-me de ter colegas que tinham muita dificuldade nas contas. Uma colega tinha mesmo muita dificuldade. Quando a professora passava as contas no quadro, para nós fazermos, ia fazer outras coisas com outra classe. Eu fazia as contas no meu caderno, copiava num papelinho e passava-lho sem que a professora desse conta. Se professora percebe-se que eu estava a passar os resultados à colega, também levava, ou com a régua ou com uma vara comprida. Não nos magoava, era mais para intimidar.

Lembro-me que quando chovia muito, e, às vezes, estava muito vendaval, a minha mãe ia-nos levar ou buscar. Ou então o meu pai, em dias que estavam muito maus e ele não ia trabalhar.

Quando eu estava na segunda ou terceira classe, a estrada chegou aqui ao Piódão. Antes, vínhamos e íamos para a escola por um caminho, mas quando andavam a fazer a estrada, já não vínhamos pelo caminho, mas sim pela estrada, até onde ela vinha.

Tive sempre a mesma professora. Chamava-se Gorete, casou com um senhor de cá, é um dos sócios da Casa da Padaria.

Ela era muito rígida, quando fazíamos ditados por cada erro, ela dava-nos uma reguada. Pegava-nos na mão e com uma régua de pau batia-nos. Quase nunca apanhei reguadas, porque não dava erros, mas haviam lá colegas que davam tantos erros... Quanto erros dessem, quantas reguadas levavam. Mas eles já estavam tão habituados, que nem lhes doía. Saíam dali com a mão encarnada, mas não lhes doía nada.

Mesmo fora da escola, se a víssemos na rua, não sabíamos onde nos havíamos de meter, mesmo não estando a fazer mal. Era uma boa professora, ensinava muito bem. Eu sempre gostei de tudo o que ela ensinava. Tinha alguma facilidade em perceber logo à primeira, e, às vezes, ensinava os colegas.

Fiz o sexto ano aqui, era a escolaridade máxima que aqui havia e também a obrigatória, chamava-se o ciclo.

Depois para continuar tínhamos de sair da aldeia e ir para o Concelho. Os meus pais ainda me disseram que se quisesse ir para Arganil me deixavam ir. E os meus irmãos também nenhum se importava que eu fosse estudar para fora:

- "Ah! Pode ir!"

De todos nós, aquela que sempre gostou mais de aprender fui eu, e, os meus pais sempre me incentivaram a estudar, apesar de antigamente, não ser normal os pais incentivarem os estudos.

"Os meus pais não sabiam ler nem escrever"

Os meus pais não sabiam ler nem escrever. Quando eles eram jovens não havia escola na aldeia, então os homens só aprendiam quando iam à tropa, mas o meu pai não foi. Como não foi, não aprendeu, no entanto ele sabia ver as horas. Tinha um relógio de bolso e sabia que se os ponteiros estavam numa certa posição, eram determinadas horas, se estavam noutra lugar, eram outras horas. Também conhecia muito bem o dinheiro. Já o meu tio, irmão dele, foi à tropa e aprendeu a ler e a escrever.

A minha mãe ainda aprendeu a ler e escrever. Quando nós éramos mais pequeninos - ainda na primeira, segunda classe - nós estávamos a ler ou a escrever e ela dizia:

- "Este é o "O", este é o "A", este é o "1", este é o "2"."

Ela sabia, inclusive, fazia o nome dela, mas depois, deixou de praticar e esqueceu-se. Para continuar a estudar, tinha de ir para Arganil. E para Arganil eu não podia ir e vir todos os dias. Os meus pais não se importavam, mas eu nunca quis ir. Disse:

- Não! Ir para Arganil, ficar lá a semana toda...

E ao fim-de-semana também era complicado vir, porque, não havia transporte. Nunca quis ir. Mas sempre pensei: um dia que eu vá para algum lado, e que possa, vou trabalhar e estudar. E foi isso que fiz quando fui para Lisboa, em 1989. Estava lá há pouco tempo quando o meu pai ficou doente com uma leucemia. Eu nem tinha cabeça nem tempo para estudar. Ele era seguido em Lisboa nas consultas de hematologia. Ia até Coimbra e eu sempre que podia vinha de Lisboa a Coimbra buscá-lo e trazê-lo. Foram dois anos de luta, e, ao fim de dois anos faleceu. Assim que me recompus, decidi estudar. Disse:

- Bom! Hei-de fazer o que puder. Vou até ao nono ano e logo se vê.

Quando cheguei ao nono ano pensei:

- Mas eu agora podia avançar mais um bocadinho... Eu até gosto...!



Lurdes Lopes na bênção das fitas na Cidade Universitária (Maio, 2006)

Sempre gostei muito de aprender. Ainda hoje gosto. Fico muito contente cada dia que aprendo uma coisa nova. Fui até ao 12º ano, e, quando terminei o 12º, fiz um curso de informática à minha conta, depois candidatei-me à

universidade. No primeiro ano que concorri não entrei, também só fui fazer provas na segunda fase em Setembro. No ano seguinte, fiz as provas na primeira fase e entrei com 16,5 no Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) em Sociologia e Planeamento. Também tinha escolhido Sociologia, mas eles puseram-me em Sociologia e Planeamento, não me importei nada, porque o planeamento também é muito importante. Gostei muito das cadeiras de Planeamento e de Avaliação de Projectos. Neste momento falta-me defender a tese de mestrado. Estava a fazê-la em Fevereiro de 2008 quando a minha mãe ficou doente, levei-a para Lisboa, não tinha tempo nem tinha cabeça para me dedicar à tese, por isso desisti. Já me reinscrevi, vou defendê-la em 2009.

Migração "*Nunca tive dificuldade em me adaptar*"

Já quando era criança, os homens saíam do Piódão e emigravam para outros sítios. Para fora de Portugal, normalmente era para a França, dentro de Portugal era para Lisboa. Em França trabalhavam na construção civil, pois, todos eles sabiam fazer muito bem paredinhas com pedras, ou seja, aprendiam aqui na aldeia, e, uma vez no estrangeiro, dedicavam-se à construção civil.

Em Lisboa, faziam aquilo que aparecia. Muitos foram trabalhar para a Lisnave, outros para a restauração, e, também alguns para a construção civil.

Eu saí em Julho de 1989, fui para Lisboa trabalhar para a Saúde. Nunca tive nenhuma dificuldade em me adaptar à cidade. Nem à cidade nem ao trabalho, seja que tipo de trabalho for. O meu início de funções no Hospital de Santa Marta foi a 25 de Julho de 1989. Era auxiliar de acção médica, fiquei por lá até 15 de Janeiro de 2000.

Em relação ao alojamento: de Julho de 1989 até Março de 1991, fiquei em casa do meu irmão mais velho, o Fernando. De Março de 1991 até Agosto de 1995, fiquei num lar universitário, na Avenida 5 de Outubro, junto à feira popular. A partir desta data fiquei em casa própria.

Percurso profissional "*Entre em todos*"

Quando fiz o 12º ano, comecei à procura de concursos no Diário da República. Ia uma vez por semana à Junta de Freguesia ver o Diário da República, pois ainda não se podia ver através da Internet como hoje. Quando via qualquer coisa que me interessasse, pedia cópia e concorria. Para os quatro serviços para onde concorri, só houve um que não entrei. Concorri para a Direcção Geral dos Serviços Prisionais e entrei, concorri para o Ministério

da Justiça e entrei, concorri para o ex. Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e entrei. Só não entrei para a Direcção-Geral do Comércio e da Concorrência. Vi perfeitamente que as pessoas que iam entrar para as vagas a concurso já lá estavam. Quando estava a prestar provas reparei no modo como os elementos do júri se dirigiam a determinados candidatos e percebi que eram pessoas do serviço, embora o concurso não fosse aberto apenas para aqueles candidatos.

O engraçado é que nos três concursos em que entrei, tinha de me apresentar no mesmo dia (17 de Janeiro de 2000). No IPPAR às nove e meia, no Ministério da Justiça às dez e na Direcção Geral dos Serviços Prisionais às dez e meia. Decidi-me pelo IPPAR. Não sabia muito bem o que fazia o IPPAR, no entanto, fui o candidato do concurso com a melhor nota, 17 valores, divididos entre uma prova escrita e uma entrevista.

No IPPAR era administrativa, ou seja, já tinha outra categoria diferente da que tinha na saúde. Fui colocada na Contabilidade - Património e Aprovisionamento, e, continuo lá. Agora já não se chama IPPAR, com o Decreto-Lei 96/2007 de 29 de Março passou a chamar-se Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I.P. (IGESPAR, I.P), resultando este da fusão do IPPAR com o Instituto Português de Arqueologia e incorporando parte das atribuições da extinta Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Lugar "*Sempre que posso, é para aqui que venho*"

O povoado da aldeia antes de ser aqui era nas Casas Piódão. Indo pela estrada que se vê de frente da aldeia, vai-se ter a um lugar que se chama Torno, a aldeia ficava um pouco antes de chegar ao Torno. Daí, veio para outro lugar que fica no mesmo caminho mas mais próximo da aldeia actual que se chama Verdumeira de Cima. Dizem que os antigos tiveram de vir embora de ambos os lugares porque lá era mais quente que aqui na encosta da serra e as formigas comiam-lhe o mel, pois eles tinham muito mel.

Diz-se também que um dos carrascos da Inês de Castro, veio refugiar-se aqui no Piódão, no entanto, não há provas de nada.

"A vida do campo não tem horário"

A vida do campo não tem horário. Às vezes, prolonga-se pela noite dentro, para ir pôr comida aos animais ou para regar, na altura do Verão. As águas estão divididas: consoante a quantidade de terra que a pessoa tem, assim tem o tempo

para regar. Quem tem mais terra, tem mais tempo, quem tem menos terra, tem menos tempo.

A levada que passa aqui vem lá de cima do monte para regar estas terras ao fundo da aldeia. Antigamente todas as terras eram cultivadas - não é como hoje - havia rega durante a noite. Com uma lanterna a petróleo ou a azeite, ia-se regar de noite.

No campo, cultivavam-se os legumes, as hortaliças, entre outras culturas. Tínhamos muitos animais: cabras, ovelhas, coelhos, galinhas, criávamos porcos.

Em Setembro começavam as colheitas: do feijão, do milho, da vinha, a castanha, o medronho, etc. Fazia-se a debulha do milho à mão, não havia máquinas como há hoje. Era tudo debulhado à mão e nós juntávamo-nos para fazer esta tarefa. Por exemplo, hoje eram os meus pais que debulhavam, os vizinhos vinham ajudar, amanhã debulhavam os vizinhos, íamos nós ajudar. Depois, contavam histórias da vida deles ou dos avós deles. No final, havia sempre o copinho do vinho ou o sumo para as crianças. Às vezes, faziam bolinhos no forno de lenha.

Quando havia pessoas que eram sozinhas ou que tinham algum problema de saúde e não podiam ir apanhar o milho - e quem diz o milho, diz a azeitona ou as uvas - os vizinhos juntavam-se e iam-lhe fazer isso. Era divertido, muito divertido.

"A água é nossa"

A água canalizada que nós temos em casa é boa. A nascente é nossa, nasce no monte por cima da aldeia junto à estrada de Chãs d'Égua. Estão lá os depósitos, sendo depois canalizada até aqui. No cimo da aldeia, há um depósito grande e daí saem várias ramificações para toda a aldeia.

Tem custos que são pagos à Autarquia porque foi esta que acarretou com os custos de a trazer do monte e os trabalhos de distribuição na aldeia.

"Os namoros eram engraçados"

Os namoros eram engraçados, às vezes, dou por mim a pensar nisso. Não sei se namoravam à janela se como é que era. Penso que, normalmente, o rapaz teria de falar com os pais da rapariga quando estava interessado nela. Tinha de haver um acordo entre as famílias. Se a família do rapaz não gostasse que ele namorasse com aquela rapariga, não podia haver namoro, se namorassem havia ali um conflito. Depois de falar com os pais da rapariga e de eles aceitarem - e a

rapariga também -, passaria a ir a casa. Mas aí, estava sempre a mãe ou alguém por perto, não ficavam sozinhos.

Não tenho muito conhecimento de haver casamentos em função dos haveres das famílias. Nessa altura o que contava como bens? Por aqui, eram as terras, era o que as pessoas tinham, umas tinham mais terras, outras tinham menos. Não tinham, praticamente, outros bens. Normalmente, as pessoas que tinham mais terras eram consideradas mais abastadas, porque, dinheiro não havia, naquela época. Tinham uma produção maior, vendiam para fora e viviam com fartura em casa.

"A hora do sino e a hora do sol"

O sino (aqui considerado como aquele que em conjunto com o relógio da torre vai dando as horas) é a companhia das pessoas, principalmente dos idosos. Os antigos não tinham relógios, tinham o sino para lhes dizer que horas eram, embora soubessem que quando o sol vinha ao lagar - ao antigo lagar de fazer o azeite -, eram três horas. Quando o sol estava em determinado sítio, eram determinadas horas. Era a hora do sol, como lhe chamavam. Há diferença entre a hora que o sino dá e a hora do sol. O sino dá 11 horas, mas, pela hora do sol são nove e meia. É uma diferença de hora e meia. A divisão da água da rega foi feita pela hora do sol, e, ainda é por ela que as pessoas se orientam no tempo de regar as culturas.

Hoje, o relógio é uma companhia, principalmente para as pessoas idosas que estão sozinhas. Até quando têm que tomar medicamentos, orientam-se mais pelo bater das horas que por outra coisa qualquer. Toda a gente tem relógio, mas, têm muita dificuldade em ver as horas.

"Tratavam as pessoas com ervas"

Antigamente, quando estávamos doentes, havia os barbeiros que nos tratavam. Eram uns senhores muito entendidos, que tratavam as pessoas com as ervas. Ainda é um bocadinho do meu tempo, quando eu era pequenina, foi ele que me salvou.

Só em último caso é que se ia ao médico, ou seja, quando o barbeiro dizia que já não podia fazer mais nada e era melhor ser visto pelo médico. Aí, se a pessoa podia deslocar-se, iam à Ponte das Três Entradas ou Avô ao Doutor Vasco de Campos, se não podia, pediam ao D. Vasco para vir a casa. Como não havia telefone ou qualquer outro meio de comunicação, ia alguém da aldeia, normalmente um homem, a pé, dizer ao Doutor Vasco que precisava de vir

ver aqui um doente. E o senhor vinha, também a pé, porque não havia estrada. Receitava os medicamentos que entendia, depois, ia novamente alguém da aldeia à farmácia mais próxima, à Vide ou a Avô buscá-los. Quando já sabia mais ou menos o que se passava com o doente, já previa:

- "Bom, se está assim, com esses sintomas, deve ser isto."

Ele próprio tinha uma farmácia e já trazia os medicamentos. Claro, depois apresentava a conta, como é evidente.

Aqui no Piódão, cosia-se o estrutagado. Punha-se a água a ferver num pucarinho de barro. Quando estivesse a ferver, punha-se a água num alguidarinho e o pucarinho deitado. E a senhora que cose o estrutagado via dizendo:

- "Que coso?"

A pessoa que está com o problema (actualmente ainda se faz) diz assim:

- "Carne quebrada e nervo torto."

Diz a outra senhora:

- "É isso mesmo que eu coso. É carne quebrada e nervo torto."

E vai assim dizendo um certo número de vezes, e, a aguinha, que está no alguidar, vai sendo absorvida pelo pucarinho, até que deixamos de ver a água, está outra vez toda dentro do pucarinho. É a verdade é que resulta.

Depois, há um determinado número de dias em que não se pode molhar o pé e que não se pode mexer na água. Ao fim daquele determinado número de dias, a água sai do pucarinho e volta a ficar no alguidarinho. Foi o que eu vi uma vez uma senhora, que já faleceu, fazer à minha mãe, que Deus tem. Estive muito atenta, mas não aprendi.

Aldeia Histórica

A classificação de Aldeia Histórica, no início, trouxe alguns problemas. Não nos deixaram pôr outras cores nas portas, não nos deixaram pôr alumínio e estores. A telha também foi proibida. Como as lajes dos telhados eram muito pesadas e tinham que ter um suporte mais forte, começou-se por pôr telha que era mais leve.

As casas que têm os telhados com telha, foi antes do Piódão ser uma Aldeia Histórica, a partir daí, já não deixaram.

Agora, já há um modo de tirar as lajes mais finas. Já há equipamento que ajuda a que o xisto fique mais fino, mas alguns anos atrás isso era impensável.

Para que as casas não fiquem com humidade no Inverno, normalmente, levam uma placa em cimento, sendo as lajes coladas nessa placa. Com este método, mesmo que faça muito vento já não arrasta as lajes e já não há humidade

em casa. Este tipo de lajes não é tirado aqui nas nossas meceiras, vão-se buscar ao Sobral Casegas.

Muito do desenvolvimento do Piódão deve-se ao facto de ser uma Aldeia Histórica. Tem um pouco a ver com subsídios que vieram da União Europeia, a fundo perdido para ajudar a dar mais alguma vitalidade a estas aldeias. Era uma aldeia histórica que não reunia determinadas condições, hoje tem algumas condições, no entanto, precisa de pessoas empenhadas que apostem no progresso sem que esta perda a traça original.

Agora, encontro uma diferença bastante interessante em relação ao tempo em que cá vivia. Penso que as pessoas, mesmo num meio pequeno, tornaram-se mais individualistas. Não há aquela solidariedade que havia no passado.

Antigamente, se uma família tinha um problema qualquer, havia a entreaduda das outras famílias, hoje não, as pessoas estão mais individualistas. A nível de evolução, não se verificam alterações significativas, se bem que existam algumas: a pousada e o museu. Embora, não houvesse grande evolução a não ser as infra-estruturas de acesso de maior envergadura, tais como: estrada, luz e água já existiam.

Quando eu fui para Lisboa, os miúdos que existiam no Piódão ainda tinham aulas aqui, agora não, vão para fora. Em parte penso que tem a ver com o Ministério da Educação, acha que uma ou duas crianças não é bom, torna mais difícil o processo de socialização. Abriu mais um restaurante, que é o restaurante Século XXI. As terras estão cada vez mais ao abandono, o cultivo de ano para ano é cada vez menor.

Há ainda muito a fazer nesta aldeia. Gostava de ver as ruas mais bem arrançadas. A estrada podia e devia ser mais larga, porque quando se encontram dois carros é bastante difícil passarem um pelo outro. E também gostava que se conseguissem concentrar aqui pessoas mais jovens, que houvesse possibilidade de criar alguns postos de trabalho, aqui ou relativamente perto daqui.

Esta desertificação deve-se em parte a não haver aqui trabalho. A agricultura é pouco produtiva, e, quando há em excesso, ou seja, quando as pessoas não consomem tudo o que cultivam, é muito difícil escoar os produtos no mercado, porque não há mercado próximo. Portanto as pessoas só com a agricultura não vivem. Ninguém hoje quer viver como viveu a geração dos meus avós, por exemplo, cada vez mais exigem viver com algum conforto, e, ninguém quer viver só para o trabalho. Há necessidade de ter rendimentos que satisfaçam as necessidades básicas e também o lazer, coisa que por estas bandas como já foi exposto atrás não se consegue apenas com agricultura. Então faz falta criar alguns postos de trabalho que fixem a população, logo haverá um

rejuvenescimento e a criação de serviços de apoio às empresas e às famílias. A aldeia fica mais enriquecida, e, os saberes e tradições mais preservados.

O Piódão para mim significa muito, é verdade que resido na cidade, mas sempre que posso, é para aqui que venho. Gosto muito da aldeia, da beleza, do sossego, da paz, das pessoas, da segurança, da comida, das tradições, ou seja, gosto de tudo. Para descansar do rebuliço dos grandes meios, não há melhor que esta aldeia, a não ser o toque das horas, é um sossego completo, se bem, que na rota das aldeias históricas o Piódão é aquele que continua a ter cada vez mais visitantes, tornando-se de certo modo um pouco incomodativo. Na Primavera e no Verão há muito turismo, quer de noite quer de dia.

Também, aquilo que nós vemos nos meios de comunicação, vandalismo, assaltos, roubos, etc, aqui, por enquanto, ainda não chegou, embora, alguns anos atrás, tenha desaparecido uma imagem de Santo António muito antiga da igreja, e, que até hoje continua o mistério “onde pára a imagem”, e já foi há mais de 20 anos. Naquela época, a Igreja estava sempre aberta sem que estivesse lá alguém da aldeia

Costumes "*O típico está-se a perder*"

"As festas mais especiais"

A festa da Imaculada Conceição e a do São Pedro são as mais especiais, sendo a primeira a oito de Dezembro e a segunda a vinte e nove de Junho. A imaculada Conceição é a padroeira do Piódão. Há ainda a festa anual ao Sagrado Coração de Jesus, que se celebra no terceiro fim-de-semana de Agosto. Normalmente, a festa religiosa faz-se ano sim, ano não, sendo entre um e outro ano feita a festa menos voltada para a religiosidade, não se faz a procissão, é organizada pela Comissão de Melhoramentos. A festa religiosa não se faz todos os anos, porque, é muito trabalhosa e implica custos elevados.

Quanto à festa religiosa: no sábado à noite faz-se a procissão de velas, no domingo a seguir à missa faz-se a procissão com os santos em cima dos andores enfeitados a rigor. Ambas as procissões saem da igreja, vão pelo centro do povoado, dão a volta no outeiro e regressam novamente à igreja. Cada santo tem um andor, e, é levado nos ombros de homens e mulheres que estejam na festa, independentemente de serem do Piódão ou não. Depois, vinha a música. A música, normalmente, é que cantava a missa. No final da missa, da parte de tarde, havia ranchos e a música também actuava. Há um convívio. As pessoas

dançavam. Têm trazido acordeonistas, ranchos folclóricos, conjuntos, n pessoas para abrilhantar.

Em relação ao que era antigamente e àquilo que è hoje, mantém-se mais ou menos a mesma coisa. A diferença reside nos efeitos dos andores: antigamente, os andores eram enfeitados com flores de papel. Comprava-se um papel às cores muito fino, cortavam-se as flores e depois colavam-se aos andores, hoje a maioria são enfeitados com flores naturais. Anos atrás não se enfeitavam com flores não porque as não houvesse, nós não vemos jardins no povoado, mas, nas terras toda a gente tem flores.

E como é que se colava a flor de papel ao andor? Era com farinha de trigo, amassava-se e colava-se.

"Na Páscoa, gosto muito de vir cá"

Há outra ocasião, que também é muito importante, e que ainda mantém a tradição. É a Páscoa. Adoro vir cá na Páscoa, sempre que posso, venho. Anda-se de casa em casa com a Cruz a dar as boas-festas, a anunciar que Jesus ressuscitou. Os miúdos à frente com as campainhas a tocar, a anunciar que Jesus ressuscitou e está a chegar, os homens com as opas vermelhas e os sinos a tocar.

Já quiseram, por várias vezes acabar com esta tradição, mas, o povo não deixou, é uma tradição, deve manter-se.

Quando os padres cá residiam, havia na quinta-feira santa, a missa do lava-pés à meia-noite. Já não me lembro muito bem dessa cerimónia, mas recordo que estavam a meio da igreja uns quantos homens de um lado e do outro. Vinha o padre com uma bacia, normalmente de esmalte, e trazia toalhas de rosto. A cada pessoa a quem ele lavava os pés, oferecia uma toalha. É uma tradição que já não se mantém, desde que deixámos de ter aqui o pároco a residir. O padre do Piódão é de cá, nasceu e foi criado no Piódão. Reside na Moura da Serra, porque além do Piódão, tem a Moura da Serra e também o Porto da Balsa. E ali fica mais no centro para fazer os serviços das três freguesias.

Outra data importante é o Domingo de Ramos, quando estava cá a nossa preocupação era ver quem levava o ramo mais bonito. Normalmente era composto por: alecrim, murta e louro. A preocupação dos rapazes era ver quem levava o ramo maior. Além disso, há uma missa e uma procissão de ramos. Os ramos são benzidos, e, é com esse louro bento que depois se põe, no dia 3 de Maio, dia de Santa Cruz, as cruzinhas nas portas, para afugentar as trovoadas. Cada ano se põe sua e depois vão ficando até cair, nunca se tiram.

"Jantar em família, presépio na igreja e fogueira de Natal"

Normalmente, as pessoas passam o Natal em casa. Faz-se no largo principal a fogueira de Natal, que se acende na véspera de Natal e pode ir até ao Ano Novo. Também na tarde de dia 24, fazemos um presépio muito bonito na igreja com musgo. Havia a missa do galo à meia-noite, quando o padre cá estava. Depois de o padre ir embora, ainda houve alguns anos, mas agora raramente há. As pessoas dividem-se entre o jantar em família, o presépio na igreja e a fogueira de Natal.

No Ano Novo era normal, ir-se de porta em porta a cantar as janeiras, se bem que eu nunca fui, não gostava, no entanto, lembro-me ver grupos de rapazes e raparigas fazê-lo. As pessoas, dentro daquilo que tinham, davam qualquer coisa, castanhas, figos, laranjas, aquilo que tivessem. Se não dessem nada, também não havia problema, ninguém se zangava, era mais a tradição. Hoje, já não se faz muito, não há gente nova e as pessoas idosas não podem.

"Sei como se faz o pão"

Eu sei como se faz o pão de milho, ou melhor a broa. Primeiro, tem de se cultivar o milho. Depois de seco e limpo, leva-se a moer no moinho, que funciona a água, peneira-se a farinha, junta-se o fermento, o sal e com a água um pouco quente amassa-se e deixa-se algumas horas a levedar, sendo este tempo em que a massa está a levedar ocupado a aquecer o forno com lenha de modo a que fique com temperatura para cozer a broa. A broa pode ser só milho, ou ter uma mistura de trigo ou centeio.

O fermento para levedar a massa é feito normalmente de véspera. A um bocadinho de massa lêveda que fica da última vez que se coseu o pão, junta-se um pouco de farinha peneirada e amassava-se numa tigela de barro que é de tender a broa.

Quando a massa está lêveda e o forno quente tendem-se as broas e vão ao forno a cozer. O forno onde se coze a broa é comunitário e com capacidade para quantidade. Antigamente como não havia frigoríficos e a broa estragava-se, principalmente no Verão, normalmente, juntavam-se duas ou três pessoas para coser. Para distinguir os pães era fácil: no fim de tender o pão faziam sinais no próprio pão, ou seja, uma família deixava o pão sem nenhum sinal, outra com os dedos indicador e polegar fazia um sinal que se chamava o belisco, caso houvesse uma terceira família, com o dedo indicador fazia um sinal que se chamava o buraco. E era assim que cada família sabia qual era o seu pão.

Para saber quando queriam cozer, ia-se ao forno comunitário e punha-se um sinal, podia ser um ramo de pinheiro, de eucalipto, de medronheiro. Por exemplo, eu queria coser, mas, também queria saber quem mais queria cozer, então ia ao forno, punha lá um ramo de eucalipto, outra pessoa punha um ramo de medronheiro, outra punha um ramo de pinho. Juntavam-se ali dois ou três sinais e as pessoas normalmente iam dizendo umas às outras:

- "Olha, quero cozer. Fui pôr ali um sinal."

Se aparecesse outra:

- "Fui ali pôr também um sinal. Está lá um. De quem é que será? Eu também quero cozer."

- "Olha, é da Nazaré ou é da Maria ou da Joaquina."

Os moinhos, também ainda existem, há um no ribeiro por cima da piscina, outro na ponte, e outros por aí e funcionam. Todas as pessoas têm determinados tempos nos moinhos, sendo uns de umas famílias outros de outras. Por exemplo, a andada é de uma semana. Então esse tempo é dividido pelas familiares que têm parte nesse moinho, quando se inicia a nova semana começa outra andada, sendo que as pessoas não têm todas os mesmos tempos, umas pessoas moem o dia com a noite, 24 horas, outras, só o dia e outras só a noite.

"Fiz muitas vezes queijo"

Do queijo, também me lembro, fiz muitas vezes. Quase toda a gente tinha cabras e ovelhas. Dizem que o queijo fica melhor, tendo mistura de leite de cabra e de ovelha. Era passado por um pano branco, limpo, a que chamavam coador, para ficar ali alguma impureza que houvesse, podia ter algum pelo de cabra, por exemplo. Ia para umas panelinhas de barro vidradas, juntava-se um pouco de sal para o queijo ficar mais saboroso. Depois, punha-se-lhe coalho, que era uma erva que nós cultivávamos, parecida com a alcachofra, que dava uma flor roxa.

Essa flor era cortada com uma tesoura, seca à sombra e pisada com um bocadinho de água. Apanhava-se na Primavera e guardava-se para o ano todo. Só mais tarde é que começaram a aparecer aqueles pós (coalho em pó) que se compram nas farmácias.

Depois, punha-se essa panela de barro vidrada próximo da lareira para apanhar um bocadinho de calor, mas não muito. Punha-se uma coisinha na boca da panela e de vez em quando ia-se tirando e vendo se já estava em coalhada para de seguida se fazer o queijo.

Dentro dum prato fundo punha-se o acincho, com as mãos tirava-se a coalhada da panela, metia-se no acincho e ia-se espremendo muito bem para sair

todo o líquido. O soro ficava, mas não se usava muito, deitava-se fora ou se havia porcos, dava-se aos porcos. Hoje já se usa para fazer requeijão.

Os queijos punham-se a secar nas queijeiras, que eram de madeira. Iam-se voltando de um lado e de outro com umas pedrinhas de sal. Às vezes, comia-se fresco. Fazia-se de manhã e comia-se à tarde ou ao outro dia.

"Toda a gente matava o porco"

Toda a gente matava o porco em Dezembro ou Janeiro. Aquelas casas que tinham menos família normalmente matavam só um, sendo que a maioria matava dois. Normalmente, era na época mais fria, porque não havia frigoríficos como há hoje e carne não se podia salgar de imediato, tinha que se deixar arrefecer. A conserva da carne fazia-se com o sal, havia a salgadeira onde se salgava para conservar para todo o ano. Após matar o porco cortava-se aos pedacinhos, deixava-se arrefecer e depois salgava-se. Algumas partes eram tiradas para fazer os chouriços. As senhoras cortavam a carne muito miudinha e punham em vinha-d'alhos de um dia para o outro.

Normalmente, levava: alho, vinho, sal, cominhos e cravinho. Enchiam-se os chouriços e secavam-se à lareira. Com o sangue faziam-se as morcelas e os chouriços de sangue. Também se fazia o bucho que era muito bom. O presunto do Piódão também tinha muita fama. Como os porcos eram criados com vegetais, frutas e milho era muito saboroso.

Também, o borrego e o cabrito do Piódão foi sempre muito famoso, porque, era muito saborosa. Também é um prato típico quando cozido em forno de lenha. Actualmente está em extinção, pois, os rebanhos desapareceram quase por completo.

Os nabos de farinha

Há outra coisa típica daqui, que eu gosto muito, que são os nabos de farinha. Há quem chame outros nomes, mas nós chamamos nabos de farinha. Arranjamos as nabiças, lavamos e cortamos um pouco mais grosso que o caldo verde, cozem-se em água e sal. Fazia-se um guisado com cebola, alho, uma folha de louro ou serpão, que é a dita segurelha que nós temos aí. Quando está pronto, metem-se os nabos, um bocadinho de água e farinha de milho, normalmente, milho branco. Vai-se mexendo para não ficar aos gruminhos.

Antigamente era costume fazer-se este prato e outros em tacho de barro à lareira.

Coisas doces

Doçaria era os bolos secos que fazíamos no forno, depois de cozer a broa o forno ainda fica quente, então aproveita-se aquele calor para coser os bolos. Levam farinha, açúcar, leite fermento e ovos. Amassa-se tudo muito bem, mas, não se deixam levedar, levam-se ao forno em formas untadas com azeite e polvilhadas com farinha.

À lareira fazem-se os coscorões. Estes já se deixam levedar. São amassados com aguardente e umas colheres de azeite e fritos em óleo.

A tigelada é feita só leite, ovos e açúcar, deve ser cozida em forno de lenha e em tacho de barro.

Antigamente, havia muito mel, pelo que era usado como substituto do açúcar nos coscorões e sempre que havia necessidade de adoçar qualquer coisa. Este tinha um senão, tinha que ser guardado em panelas de barro que tinham um recipiente onde se punha cinza para afastar as formigas.

Outra coisa que nesta aldeia se fazia muito bem era o caldo de castanhas, mas, eu não gostava nada. Toda a gente tinha muita castanha, então quando se apanhavam em Outubro, Novembro como a quantidade era muita uma parte ia para o caniço - chamamos nós o caniço - e aí são secas. Depois de secas, são piladas, ou seja, descascadas e com elas fazia-se o caldo de castanhas.

O meu pai, que Deus tem, gostava muito. Eu nunca gostei, porque achava muito doce. Antes, havia muitos castanheiros, muito velhos. Agora, há muito poucos porque estes últimos incêndios têm destruído tudo. O castanheiro é uma árvore muito frondosa, com tocas muito grandes que quando arde é difícil rebentar.

"O azeite era melhor"

Antes, apanhava-se a azeitona em Dezembro, deixávamos amadurecer muito bem a azeitona. Só a começávamos a apanhar a partir de 15 de Dezembro, quando já estava madura. Depois, o azeite era feito em lagar de vara movido a água. O Piódão tinha um lagar, onde se fazia o azeite, que fechou alguns anos. Ainda existe a estrutura física, fica por baixo da aldeia

O típico está um pouco a perder. O pão deixou de se cozer, porque as pessoas são idosas, com problemas de saúde, e, não querem estar com muito trabalho. Os enchidos daqui, que tinham muita fama, também já não se fazem, quase ninguém mata porco. Quando alguém pensa em fazer enchidos, normalmente compra as

carnes, logo a qualidade não é a mesma. Os porcos eram criados com frutas, com as nossas hortas, com o nosso milho.

A aguardente de medronho e de mel deixou de se fazer. Os medronhos apanhavam-se em Outubro e Novembro. Ficava durante três meses, mais ou menos, a fermentar. Depois ia ao alambique a destilar. Estes últimos fogos têm destruído os medronheiros, se bem que, se não tivessem ardido a população idosa que aqui reside também não os ia apanhar. Um contra destas árvores é que demoram anos a crescer e não dão logo fruto. As colmeias arderam e as pessoas residentes como já não são muito jovens não quiseram saber mais de arranjar abelhas. Então, não há abelhas não há mel, logo não há aguardente de mel.

O azeite está-se a perder, as oliveiras arderam quase todas. Quem ainda tem alguma azeitona se pode apanhá-la tudo bem, se não pode não a apanha. Aqueles que a apanham vão fazer o azeite fora num lagar eléctrico, que não tem a qualidade que tinha quando era feito no nosso lagar de vara.

Quotidiano "*Faço tudo!*"

Quando venho cá, faço de tudo, não tenho dificuldade nenhuma com nada. Chego aqui, visto a minha roupinha de trabalho e faço de tudo. Faço limpezas, vou para o campo, vou ao monte buscar lenha, etc. Depende daquilo que há para fazer quando eu venho cá, colaboro em tudo: semeia e arranco batatas, faço a vindima, apanho a azeitona, ou seja, tudo o que houver para fazer eu faço. Por exemplo, há três anos atrás vim em Outubro, os medronhos estavam maduros. Então apanhei medronhos para depois o meu irmão fazer aguardente.

Avaliação "*A ideia é boa!*"

Eu não conheço o projecto a fundo para poder fazer a avaliação, mas penso que a ideia é boa. Há bibliotecas que morrem com as pessoas, porque, ninguém pensa em fazer projectos que vão ao encontro dos saberes que um determinado número de pessoas tem na sua memória. Parece-me bem que se utilize meios para preservar os saberes das sociedades, que pode passar pela escrita, pela gravação, ou outro desde que tenha o consentimento o indivíduo.

Nesta aldeia, por exemplo, há muitas tradições, muitas lendas que já ninguém se lembra, porque as pessoas mais idosas ou morreram, ou se ainda estão cá, a memória já vai faltando.